



Colégio São Paulo
Irmãs Angélicas

Classicismo

Literatura brasileira – 1ª EM

Prof.: Flávia Guerra

Contexto

O século XV traz o ser humano para o centro dos acontecimentos, relegando para segundo plano o deus todo-poderoso do período medieval. Essa mudança de mentalidade, que se iniciou com o Humanismo, chegou ao apogeu no Renascimento.

Luzes e trevas

A sensação de grande desenvolvimento experimentada por cientistas e artistas de Humanismo criou um olhar desfavorável para a Idade Média. Empenhados em reconstruir, no continente europeu, a civilização greco-romana, esses homens passaram a se referir à Europa medieval como “Idade das Trevas”.

Essa visão depreciativa fez com que, durante séculos, todo o progresso cultural, artístico e filosófico alcançado no período fosse ignorado.

Classicismo: valorização das realizações humanas

Denominação da tendência artística que revitalizou a tradição clássica de afirmar a superioridade humana. Para recriar os ideais da Antiguidade greco-latina, o Classicismo valorizou as proporções, o equilíbrio das composições, a harmonia das formas e a idealização da realidade. Manifestou-se tanto nas artes plásticas quanto na música, na literatura e na filosofia.

O projeto literário do Classicismo

- Retomar os modelos da Antiguidade clássica;
- Adotar a razão como parâmetro de observação e interpretação da realidade;
- Afirmação da superioridade humana;
- Valorização do esforço individual.

Os agentes do discurso

A cultura vira um bem precioso para os novos ricos, porque, patrocinando artistas e poetas, eles justificam sua aceitação pela nobreza. Essa troca de interesses entre burgueses e artistas faz aparecer a figura do **mecenas**.

A circulação das obras literárias continua sob o impacto da invenção da prensa móvel. As universidades tornam-se os grandes centros públicos de leitura e discussão.

O olhar **racional** para o mundo

Para revelar o que está no universo, o artista adota a razão como parâmetro de observação e interpretação da realidade. O olhar racional desencadeia, na literatura, uma das características mais marcantes da poesia do período: a tentativa de explicar os sentimentos e as emoções humanas. O soneto, tipo de composição preferida dos clássicos, revela o desejo de adaptar a expressão lírica a uma forma que permita o desenvolvimento de um raciocínio completo.

Perspectiva humanista

Outra consequência do desejo de compreender o mundo é procurar conhecer a natureza humana. Esse interesse se manifesta nos detalhados estudos de anatomia. Os Grandes artistas se preocupavam em compreender a mecânica dos movimentos para serem capazes de representar o corpo humano de modo harmônico, respeitando as relações de proporção entre as partes e revelando uma concepção de beleza associada à harmonia e à simetria.

O Classicismo em Portugal

O século XVI encontra Portugal realizando as Grandes Navegações, que cruzavam o oceano Atlântico e iam, aos poucos, ampliando o império lusitano ultramarino. É nesse contexto de prosperidade econômica que o Classicismo chega ao país.

Francisco de Sá de Miranda

- Inspiração: Petrarca;
- Inovou a cena literária portuguesa;
- Usou a medida nova e velha;
- Elogiou a vida rústica e defendeu a liberdade individual.

Camões: cantor de uma época e de um povo

Luís Vaz de Camões é considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa. Em sua vasta obra, imortalizou as glórias de seu povo, registrou os sofrimentos amorosos, indagou sobre as inconstâncias e incertezas da vida.

Os Lusíadas: reinvenção épica da história de Portugal

- A estrutura: dividido em dez cantos que apresentam, no total, 1.102 estrofes organizadas em rima (ABABABCC). Todos os versos são decassílabos.
- O tema: cantar a “glória do povo português” e a memória dos reis que foram dilatando a Fé, o Império”.
- O herói: o navegador Vasco da Gama. A leitura do poema, porém revela também o caráter heroico do povo lusitano.

A divisão dos cantos

Proposição: trata-se da apresentação do poema, com a identificação do tema e do herói.

Invocação: o poeta pede às musas Tágides, ninfas do rio Tejo, que corta Lisboa.

Dedicatória: o poeta dedica o poema a D. Sebastião, rei de Portugal quando o poema foi publicado.

Narração: desenvolvimento do tema, com o relato dos episódios da viagem de Vasco da Gama e com a reconstituição da história passada dos reis portugueses.

Epílogo: encerramento do poema. O poeta pede às musas que calem a voz de sua lira, pois se encontra desiludido o com sua pátria que já não merece ter suas glórias louvadas.

Volta a cantiga alheia

*Na fonte está Lianor
Lavando a talha e chorando,
Às amigas perguntando:
— Vistes lá o meu amor?*

Posto o pensamento nele,
Porque a tudo o amor obriga,
Cantava, mas a cantiga
Eram suspiros por ele.
Nisto estava Lianor
O seu desejo enganando,
Às amigas perguntando:
— Vistes lá o meu amor?

O rosto sobre ùa mão,
Os olhos no chão pregados,
Que, do **chorar** já cansados,
Algum descanso lhe dão,
Desta sorte Lianor
Suspende de quando em quando
Sua dor; e, em si tornando,
Mais pesada sente a dor.

Não **deita dos olhos água**,
Que não quer que a dor se abrande
Amor, porque, em mágoa grande,
Seca **as lágrimas** a mágoa.
De[s]pois que **de seu amor**
Soube novas perguntando,
De improviso a vi **chorando**.
Olhai que extremos de dor!

Mote: motivo inicial fornecido por alguém ou, como ocorre nesta redondilha, tomado emprestado de uma cantiga escrita por outro poeta. O poeta tem liberdade para repetir, nas voltas, versos presentes no mote ou simplesmente explorar a ideia básica que ele desenvolve. Camões adota os dois procedimentos.

Voltas (ou **glosas**): o tema definido no mote é desenvolvido. Camões mantém presente o mote pela retomada da ideia do **choro** e das **perguntas** feitas por Lianor para descobrir o paradeiro de seu amado.

O desconcerto do mundo

Nos sonetos que tratam desse tema, Camões procura demonstrar que aquilo que é observado não corresponde necessariamente à realidade, o que pode levar ao equívoco. Incapaz de compreender o que desencadeia o desconcerto do mundo, o eu lírico procura analisá-lo racionalmente para identificar um parâmetro que possa adotar para orientar seu comportamento. Como a base do desconcerto é a falta de lógica, a análise fracassa e o resultado é sempre o sofrimento do eu lírico.

Correm turvas as águas deste rio,
Que as do céu e as do monte as enturbaram;
Os campos flore[s]cidos se secaram;
Intratável se fez o vale, e frio.


Passou o Verão, passou o ardente Estio;
Ūas cousas por outras se trocaram;
Os fementidos Fados já deixaram
Do mundo o regimento ou desvairio.

Tem o tempo sua ordem já sabida;
O mundo não; mas anda tão confuso,
Que parece que dele Deus se esquece.

Casos, opinião, natura e uso
Fazem que nos pareça desta vida
Que não há nela mais que o que parece.



CAMÕES, Luís Vaz de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

-  **Enturbaram:** agitaram.
Fementidos: enganosos, ilusórios.
Fados: destinos.
Casos: acasos.
Natura: natureza.
Uso: costume.

As mudanças constantes

O mundo apresentado por Camões é dinâmico. Assim, ser humano e natureza estão sujeitos a constantes modificações. Porém, enquanto as mudanças da natureza seguem um ritmo previsível (a sucessão das estações do ano, por exemplo), as sofridas pelas pessoas não seguem uma "lei" natural, o que pode trazer tristeza e sofrimento. Leia seu mais conhecido soneto sobre esse tema.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o Mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve...) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mi[m] converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda já como soía.

O **eu lírico** abre o soneto com uma tese que será a base do raciocínio desenvolvido no texto: se quem ama (amador) alcança uma identificação total com o ser amado, não pode desejar mais nada, porque já traz consigo tudo o que quer. O processo de transformação é desencadeado pelo "muito imaginar". Trata-se, portanto, de um processo amoroso em que o eu lírico vai perdendo sua identidade e se "moldando" à forma perfeita da amada.

Na segunda estrofe, a tese é retomada: a transformação da alma (espírito) deve aplacar o desejo do corpo (matéria). Como as duas almas que se amam estão ligadas, o desejo carnal deixa de ser importante.


Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mi[m] tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assi[m] com a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;
[E] o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma.

A mulher amada é caracterizada, nos tercetos, como uma semideusa (linda e pura) cuja perfeição é própria da esfera das essências. Por isso ela se manifesta no pensamento do eu lírico como "ideia" (resgate do conceito platônico) e faz com que ele, inspirado por um amor também puro e transformador, molde-se a essa forma simples e perfeita. É o fim do processo de purificação amorosa que caracteriza o neoplatonismo.

 **Liada:** unida, ligada.

Semideia: semideusa.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.